COMUNICAÇÃO: FENOMENOLOGIAS E EPISTEMOLOGIAS[1]
COMMUNICATION: PHENOMENOLOGIES AND EPISTEMOLOGIES

Lucrécia D´Alessio Ferrara [2]

Resumo
O objetivo desse trabalho é estudar a relação que se estabelece entre a fenomenologia filosófica, as características do conhecimento que dela deriva e o modo como interfere sobre a produção cognitiva. A fenomenologia está presente em vários momentos da produção científica dos dois últimos séculos e gerou distintas epistemologias e metodologias que influenciaram a Comunicação como área científica. No contemporâneo, observa-se a emergência de outras bases de reflexão que vão além das anteriores raízes fenomenológicas. Nesse sentido, desenvolve-se a análise da comunicação enquanto acontecimento e propõe-se outras características epistemológicas e metodológicas. Nessa dimensão comunicativa, estão em análise pares conceituais dicotômicos como: epistemologia/metodologia, modelo/diagrama, metáfora/analogia, mente/corpo, monólogo/diálogo.
Palavras-chave*: comunicação, fenomenologia, epistemologia, conhecimento*
Abstract
The aim of this work is to study the relationship that is established between philosophical phenomenology, the characteristics knowledge that come from it and how interferes in cognitive production. Phenomenology has been present in many moments of scientific production of the last two centuries and stablished many epistemologies and methodologies that influenced communication as a scientific area. Nowadays, we observe the emergence of other bases of reflection, which goes beyond the previous phenomenological roots. In this way, the communication analysis is developed as an event that proposes other epistemological and methodological characteristics. Conceptual dichotomic pairs such as: epistemology/methodology, model/diagram, metaphor/analogy, mind/body, monologue/dialogue are in analysis in this communicative dimension.
Keywords**:** *communication, phenomenology, epistemology, knowledge*

1.O paradoxo das diferenças

Ao iniciar a aventura de investigar a comunicação como experiência e considerando epistemologia como teoria do conhecimento científico, é necessário estar disponível para analisar minuciosamente cada ideia, aparência ou gesto, a fim de ser possível selecionar o que nos interessa e abandonar aquilo que pode se distanciar dos nossos objetivos. Nesse sentido, é necessário partir de algumas afirmações notórias.

Enquanto área científica, a comunicação se propõe duas perguntas: como a comunicação se comunica e para que serve a comunicação? As duas perguntas apresentam-se de modo distinto: enquanto a primeira está voltada para a identificação da área, a segunda é de natureza funcional. Entretanto, em ambas, está presente a mesma sinalização científica: referem-se à experiência da ação comunicativa, demonstrada pelos seus efeitos. A partir dessas perguntas, chega-se a uma terceira que direciona as duas anteriores: seria a comunicação uma ciência pragmática?

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020
2 Professora Titular do PPG Comunicação e Semiótica-PUCSP – ldferrara@hotmail.com

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Para Peirce, a resposta parece imediata: "Consider what effects, that might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object"(Peirce, CP, 5.402)[3]

Se considerarmos a citação, a comunicação é ciência pragmática, ou seja, sua definição está vinculada aos efeitos que dela decorrem e como, através deles, ela se dá a conhecer. Desse modo, as questões anteriores estão voltadas para a forma como a comunicação se configura e isso equivale a estabelecer profunda relação entre semiótica e comunicação, ou seja, se a primeira é, sobretudo, configuração ou modo de aparecer, a segunda refere-se, sem dúvida, a diferentes aparências da experiência. Ambas são marcadas pelo modo como aparecem e, através desse modo de ser, fazem-se conhecidas e reconhecidas são, portanto, fenômenos e produzem fenomenologias.

Porém, enquanto pragmática, a identidade da comunicação como área científica se faz difusa e imprevista, porque se apresenta diversa em cada emergência das suas aparências e aí se situa o paradoxo da primeira questão: a comunicação é diferente, conforme se distingue pelas aparências do seu modo de comunicar.

Nas diferenças dessas aparências, encontram-se as distintas epistemologias da comunicação e o objeto desse trabalho.

2. Subjetivo e Objetivo: mundos em confronto

A pesquisa da notável epistemologia desenvolvida por Popper em vários momentos da sua vasta obra, nos leva a observar que a distinção entre conhecimento objetivo e subjetivo é pontuada pela observação do mundo e, para que seja possível construir seu conhecimento, é necessário considerar as aparências que o distinguem:

> O tema principal desta conferência será o que costumo chamar, na falta de um termo melhor, de Mundo 3. Para explicar essa expressão, saliento que , sem levar muito a sério as palavras "mundo" ou "universo", podemos distinguir os seguintes três mundos ou universos: primeiro, o mundo dos objetos físicos ou dos estados físicos; segundo, o mundo dos estados de consciência ou dos estados mentais, ou, talvez, das predisposições comportamentais à ação; terceiro, o mundo dos *conteúdos objetivos do pensamento*, em especial dos pensamentos científicos e poéticos e das obras de arte. (Popper, 2010, p. 57)

[3] Considerando as consequências práticas como efeitos do objeto, então a concepção destes efeitos é o todo de nossa concepção do objeto. (Peirce. CP. 5.402)

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Entretanto, essa distinção está longe de ser clara porque, se a proposta divisão do mundo é convincente visto que se trata de simples enumeração de diferenças, não se pode dizer o mesmo do seu possível sentido. Ou seja e ao contrário do que se pode inicialmente entender, o mundo 1 se refere à sua irrecusável dimensão física, o sentido do mundo 2 é considerado como mundo de "estados de consciência" contidos em expressões como " eu sei" que, à maneira de convicção, é indubitável e se aproxima da crença que, no domínio do sujeito, é considerada base inquestionável da epistemologia.

Entretanto, Popper considera essa base irrelevante porque, subjetiva, leva o conhecimento científico ao estudo de "algo *que não tem relevância para esse conhecimento*"(idem, p. 59*).* Entendidos como irrelevantes para a produção do conhecimento científico, os mundos 1 e 2 existem como epistemologias que se distinguem do mundo 3, considerado como mundo de teorias, problemas e argumentos objetivos:

> Minha primeira tese envolve a existência de dois significados diferentes para as palavras conhecimento ou pensamento: (1) *conhecimento ou pensamento em sentido subjetivo*, que consiste em um estado mental ou de consciência, ou em uma predisposição para um comportamento ou reação e (2) *conhecimento ou pensamento em sentido objetivo*, que consiste em problemas, teorias e argumentos como tais. Nesse sentido objetivo, o conhecimento independe da pretensão de saber de qualquer pessoa; independe também da crença de qualquer um, ou da predisposição a assentir, afirmar ou agir. (Popper, 2010, p. 59)

Aproximar as referências de Popper aos conhecimentos subjetivo e objetivo, nos leva a observar que existe um conhecimento que predispõe a consciência à ação e, dessa forma constrói o mundo subjetivo que se aproxima do Mundo 1, na medida em que nele reconhece o hábito como forma de pensar e agir. Desse modo, Popper observa com aguda sagacidade: "...a epistemologia tradicional, com sua consecução no Mundo 2, ou no saber em sentido subjetivo, é irrelevante para estudar o conhecimento científico" (Popper, 2010, p. 61). Evidencia-se, portanto, para a epistemologia de uma ciência, estranho conjunto de paradoxos que, opondo os mundos subjetivo e objetivo, coloca em evidência que o subjetivo é dominado por uma disposição de ação conforme hábitos, enquanto o objetivo se caracteriza enquanto crítica do conhecimento científico, a partir de problemas que aguçam a investigação, sem transformá-la em ação redundante já consagrada em hábito. Nesse sentido verifica-se que, fortalecendo aquele conjunto de paradoxos, é possível pensar que a epistemologia científica é, antes de tudo, múltipla, conforme adere às diferenças dos modos de conhecer. Refletindo sobre as questões propostas pelos paradoxos anteriores e a fim de observar como podemos estudá-los, parece imperioso observar como têm sido tratados pela Teoria e História da Comunicação.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

3. O passado do presente

No estudo da emergência da comunicação como área científica enquanto possuidora de um objeto de estudo, identidade e função, sobressaem nomes reconhecidos como notórios. Por exemplo temos, Armand e Michelle Mattelart de um lado e, de outro, Jesus Galindo Cáceres. Para os três estudiosos, a comunicação surge como ponto nodal de diversidade ou de dispersão no território de distintas ciências e, portanto, justifica-se a divisão entre ciências humanas, sociais e sociais aplicadas. Desse modo e para superar aquela dispersão, a comunicação deveria apresentar-se como unidade entre um objeto discursivo e uma tecnologia responsável pela sua característica expressiva e, sobretudo, transmissiva. Desse modo e quando se trata de propor uma Teoria da Comunicação, aquela dispersão significa, para Armand e Michelle Mattelart, que tudo "está para ser criado"(1999. p. 11).

Ao contrário, para Jesús Galindo Cáceres, a questão se coloca de modo diverso. Embora seja confirmada a hipótese anterior de dispersão, fragmentação ou multiplicidade teórica da comunicação dividida entre ciências humanas e sociais, avalia-se a possibilidade de encontrar, nessa dispersão de interfaces, um nexo agregador que sugere a possibilidade de considerar, naquilo que se dispersa, não uma teoria, mas uma metalinguagem que, avaliando o passado, seja capaz de prever o futuro de uma área que, sendo científica, se dispersa, embora seja passível de ser construída. Tratando-se de uma construção, para Galindo Cáceres e seu Grupo de Estudos, a Teoria da Comunicação é, sobretudo, uma possibilidade que, para concretizar-se, deve prever a crítica de objetos científicos, métodos e teorias capazes de construir uma comunicologia, ou seja, uma metalinguagem de um fazer científico. Entre esses autores, observa-se que passamos de um foco histórico ou cronológico e, portanto, afirmativo, para outro mais objetivo e crítico e, portanto, mais epistemológico-indagativo.

Entre os dois focos, prevalecem as duas questões colocadas no primeiro subitem desse trabalho: a necessidade de definição da comunicação enquanto área científica e sua funcionalidade. Colocando-se sobretudo como definição, a comunicação é vista, pelos dois primeiros estudiosos, como fluxo e troca de informações enquanto, para o terceiro, parece ser de menor importância a identidade da área, porque se ressalta a necessidade de verificar os meandros históricos que permitiram a emergência da comunicação.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Entretanto, os focos se cruzam quando observam a segunda questão proposta: para que serve a comunicação? Ou seja, nos dois casos, prevalece a tendência de fazer circular causas e efeitos ou de confundir objeto científico e objetivos que, em estranho circuito, transformam o sentido epistemológico do pensar em método de como pensar a comunicação. No cruzamento entre tendências e interesses, instala-se outra intenção desse trabalho: a diferença entre o sentido epistemológico de pensar a comunicação e o modo como se pode produzir esse pensar. Entrecruzam-se a epistemologia e a metodologia da comunicação.

Porém, para os dois focos, a definição da área se faz compreensível pelo modo tecnológico como ela se torna concreta, portanto para ambos, a proliferação dos meios técnicos constitui condição para a noção de que a comunicação, através dos meios técnicos, permita a criação de um "organismo" que faz circular, de modo funcional, crenças, valores, ações, comportamentos e articulações humanas e sociais. Em síntese, o nascimento oficial da comunicação coincide com a difusão dos meios técnicos que vão da invenção dos tipos gráficos até à instalação e sedimentação dos meios propriamente massivos de recepção pública da informação, no século XX.

Porém, nesse desenvolvimento, os meios digitais apresentam, no século XXI, uma complexidade que impõe, de um lado, considerar a superposição dos polos simplesmente transmissivos de emissão e recepção e, de outro, a assunção complexa de um campo interativo e poroso, no qual, os polos anteriores se entrecruzam e se relativizam. À medida em que a anterior função transmissiva e utilitária é substituída por um campo de forças mais complexo liderado pelo comunicar, agitam-se, aliam-se, dividem-se ou polarizam-se os domínios sociais, culturais, políticos e econômicos. Nessa complexidade, as questões que compunham a anterior Teoria da Comunicação do século XX, perdem suas intenções totalizantes, para dar lugar a possíveis comunicologias passageiras, que apresentam epistemologias tanto mais indeterminadas, quanto mais irregulares. Nesses predicados, ssituam-se as epistemologias da comunicação em estudo e, nelas, cruzam-se as práticas arqueológicas da comunicação e a genealogia do comunicar como capacidade comum a todas as espécies vivas.

4. As configurações da experiência

As epistemologias da certeza fundamentam a comunicação vigente no século XX até a década de 80 marcada, no seu final, pela queda emblemática do Muro de Berlim e, nos anos 90, pela

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

implantação e sedimentação da rede mundial de computadores. Para o século XX, a grande questão proposta pela epistemologia vigente se concentra no conceito de fenômeno que se distingue do conceito de fato científico.

Se o segundo se refere aos fatos tomados empiricamente, o fenômeno, ao contrário, é aquilo que nos aparece e, como tal, constitui experiência vivida e um convite ao conhecimento. Portanto, o objeto de conhecimento de uma ciência é sempre um fenômeno e a experiência a ele relacionada. Porém, para a epistemologia da comunicação, essa experiência, embora sempre considere que "ir às coisas mesmas" é seu estágio inicial obrigatório, o conhecimento que produz passa por distintas fases ou faces daquilo que é cognoscível. Ou seja, o objeto científico da comunicação é agenciado menos pela "coisa" que estuda, do que pela fenomenologia que explica a natureza do fenômeno. Essa fenomenologia assume dimensões múltiplas que acabam por construir distintos objetos científicos e se dão ao conhecimento através de categorias. Kant as chamou de categorias do entendimento, mas podemos entendê-las como filtros daquela aparência que registra a própria emergência da natureza do fenômeno comunicacional.

Conhecer pela aparência do mundo nos leva à produção de conhecimento pelo modo como o vemos, portanto, pelo modo como se expõe e permite a fruição da experiência. O ver constitui matriz de conhecimento do fenômeno e registra uma forma especial de conhecer através da experiência: o fenômeno se compõe de visualidade e experiência de um modo de ver. Confundem-se epistemologia e metodologia e, enquanto fenômeno, o objeto do conhecimento se propõe como espetáculo. O objeto de conhecimento da comunicação exige, portanto, que a reconheçamos como espetáculo múltiplo conforme os olhos metodológicos que se voltam para o conhecimento do mundo através dos seus filtros espetaculares. As fenomenologias da comunicação são muitas, mas em todas, está presente estreita relação entre configurações do mundo e modos de ver que se fazem comunicantes. Aproximam-se comunicação e semiótica e a procura da certeza parece constituir o horizonte de ambas.

5. As fenomenologias da comunicação

Na anterior aproximação entre comunicação e semiótica parece prevalecer certa confusão ou porosidade de limites entre epistemologia e metodologia.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

A fenomenologia sustentada por Husserl e, mais tarde aquela outra, mais existencial e subjetiva, proposta por Merleau Ponty, são de amplo uso como base epistemológica para a investigação do fenômeno comunicativo. Nesse sentido, ambas fazem uso da descrição detalhada do fenômeno, a fim de reduzi-lo à essência mínima que o expressa e lhe dá sentido que, ao fim, é o único elemento que realmente interessa na manifestação fenomênica. Esse sentido opera, sobretudo a partir de Husserl, com uma hierarquia de sentidos que discrimina o que é acidental daquilo que é essencial. Como método, essa descriminação é de ordem seletiva, a fim de operar com polarizações entre o que é acidental e essencial, pois apenas esse último é capaz de expressar o sentido fenomênico. Reduzida à essencialidade do fenômeno, o método descritivo de Husserl chega ao ponto ideal do sentido da situação fenomênica: surge o modelo que passa a constituir um a priori racional do fenômeno. Em comunicação, essa tonalidade fenomenológica busca um modelo estrutural e a palavra estrutura surge como sinônimo do sentido fenomênico.

Porém, se para esse ver ou para essa fenomenologia, o visto é transformado em previsto, outra fenomenologia pode assumir distinta dimensão metodológica. Recupera-se a discriminação do ver, porém, sem reduções, vê-se o simples ver como senso comum do que é visto, ou seja, discriminação enquanto simplesmente saber ver. Essa discriminação, portanto, não se preocupa com hierarquias de discriminação ou com polarizações entre valores do que é visto, ao contrário, o ver é somente da ordem da constatação e, portanto, nada reduz, afastando-se daquela descrição que, ao fazer-se, já produz sentidos fenomênicos. Esse ver constitui simples dado da experiência comum, um novo sentido, nem objetivo, nem subjetivo, nem acidental nem essencial, apenas uma experiência comum da qualidade possível do modo de ver o mundo. Embora como simples qualidade de estar no mundo e não apenas ante ele, esse comum só se esclarece como simples possibilidade quando, ao discriminar o visto, o compara com outras discriminações e transforma-se em ver como modo de percepção da alteridade. Substitui-se o recurso metodológico da hierarquia que exclui, para poder distinguir e polarizar; pela comparação entre o eu e o outro pela qual todos os sentidos se equivalem e são simplesmente reais.

Ante essas duas dimensões fenomenológicas, a comunicação se divide entre uma semiologia que procura, nas instâncias do sentido discursivo, seu modelo a priori e a semiótica que simplesmente se propõe como ciência pragmática e faz do sentido uma possibilidade que não se impõe, mas é, apenas, sugerida. Transforma-se a procura do sentido como intenção

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

estabelecida a priori, pelas categorias da simples experiência dividida em percepção sutil de qualidades de sentimento, discriminação de ações e reações e, no limite da discriminação, em tradicionais normas de crenças e hábitos recorrentes.

Ante a diferença dessas fenomenologias, a comunicação se defronta com seu espelho anti-espetacular, ou seja, considera-se de marcante interesse seu modo de ser epistemológico, na medida em que reflete o modo como ocorre a experiência do mundo. Para a semiologia, as manifestações fenomênicas da comunicação são inerentes ao próprio sentido da sua matéria significante, para a semiótica, a comunicação é simples possibilidade de poder construir o mundo. No primeiro caso, temos uma epistemologia à procura da certeza para a produção de conhecimento, no segundo, temos a epistemologia que ousa correr o risco de produzir conhecimento. Porém, na confluência dos dois casos, temos epistemologias distintas e múltiplas.

6. As epistemologias fenomenológicas da comunicação

Nessas epistemologias nada é exclusivo e facilmente discernível pois, nos dois casos, a epistemologia pode se enovelar e se hibridizar com outras metodologias, ao mesmo tempo em que se confundem ou entram em concorrência, as duas designações fenomenológicas, a semiologia e a semiótica. Nos dois casos, estão em questão os conceitos de signo, de significado e de linguagem.

Partindo da tradicional vertente saussuriana que, dividindo o signo em significante e significado, deu origem à clássica linguística estrutural e ao estruturalismo francês, a semiologia privilegia, para alcançar o sentido significativo, a necessidade de construção de um padrão metalinguístico de redução fenomenológica. Surge o modelo de descrição que, construído para esse fim, é de natureza naturalmente arbitrária. Descreve-se o significante, para encontrar as raízes de um significado que lhe é camada subjacente, mas passível de ser revelada pela aplicação de um modelo descritivo de estruturas escondidas, modelo que, eficiente enquanto instrumento descritivo, constitui testemunho de crença científica:

> ....o “sentido” (particípio do verbo sentir), o “vivido”, termos com os quais designamos, por exemplo, o alcance que as formas arquiteturais têm sobre nós, nada mais são do que os significados dessas formas, explicados, conforme acreditamos, por uma metalinguagem construída, mais ou menos adequada, mas arbitrária. (Greimas, Courtès, 2008, p. 447)

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Entretanto, a adoção desse modelo não é indiscutível. No próprio âmbito do estruturalismo e acusado de infidelidade ao modelo estrutural, Roland Barthes é o divulgador de outra proposta, mais estruturante do que estrutural, porque coloca em questão o conhecimento decorrente da simples aplicação modelizante. Considerando o texto e a linguagem, Barthes admite que a automática aplicação de um modelo transforma o conhecimento em aventura:

> Que é então o Texto? Não responderei por uma definição, o que seria recair no significado. O Texto, no sentido moderno, atual, que tentamos dar à palavra, distingue-se fundamentalmente da obra literária:
> Não é um produto estético, é uma prática significante:
> Não é uma estrutura, é uma estruturação;
> Não é um objeto, é um trabalho e um jogo,
> Não é um conjunto de signos fechados, dotado de um sentido que se trataria de encontrar, é um volume de marcas em deslocamento;
> A instância do texto não é a significação, mas o significante, na acepção semiótica e psicanalítica do termo;
> O Texto excede a antiga obra literária; existe, por exemplo, um Texto da Vida, no qual tentei entrar pela escrita ...(Barthes,2001,p. XVI)

Ao lado de Barthes e filiada à mesma vertente, mas distinguindo-se dela pela maneira como entende o significante, surge outra fenomenologia conhecida como Análise do Discurso:

> .....A meta última do analista do discurso é "explicitar e interpretar ao mesmo tempo a relação entre as regularidades da linguagem e as significações e as finalidades ("purposes") expressas por meio do discurso" (Nunan, 1993:7). No entanto não se é obrigado a raciocinar em termos de "finalidade" para ver nisso uma disciplina que não se reduz nem à análise linguística de um texto nem a uma análise sociológica ou psicológica do "contexto" Para Maingueneau, a análise do discurso não tem por objeto "nem a organização textual em si mesma, nem a situação de comunicação, mas deve "pensar o dispositivo de enunciação que associa uma organização textual e um lugar determinados"....(Charaudeau & Maingueneau, 2004: 44)

Entre a estruturalidade barthesiana e a lógica de análise do discurso, a distinção faz-se imediata; se o primeiro privilegia a instância de descoberta do texto através do jogo, sempre imprevisível, da escritura que leva as marca das circunstâncias do seu enunciado, a análise do discurso privilegia um "contrato de comunicação" estabelecido entre emissor e receptor, ambos envolvidos na ação comunicante. Duas fenomenologias que não se combinam, mas não se negam. Desse modo, a influência fenomenológica das epistemologias da comunicação faz-se evidente nas suas distintas tonalidades e acabam por constituir bases de influências irrecusáveis para o desenvolvimento da comunicação como área científica. Logo, torna-se imprescindível analisar as possibilidades das suas diferenças epistemológicas.

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

7. As construções epistemológicas

As vertentes fenomenológicas interferem na epistemologia da comunicação, mas lhe propõem diferentes construções, responsáveis pelas distintas tonalidades do objeto de conhecimento em comunicação.

A máxima fenomenológica que nos leva "às coisas mesmas" parece estar presente na inquestionável base empírica de apreensão do objeto científico da área e, nesse sentido, faz-se marcante a base descritiva que reduz a metodologia da comunicação à descrição do objeto empírico, deixando para segundo plano, ou tacitamente secundária, a dimensão epistemológica daquele objeto. A argúcia descritiva é responsável e suficiente para a definição do objeto científico da comunicação e, mais uma vez, epistemologia e metodologia se confundem. Nessa tendência, as características técnicas ou tecnológicas dos suportes do processo comunicacional se transformam e passam da empiria expressiva à dominância comunicativa. A epistemologia fica reduzida à própria natureza significante daqueles suportes que, afinal, acabam por ser alçados à instância científica. Assim fala-se da epistemologia dos meios, que devem ser estudados através da descrição do modo como operam a relação entre emissor e receptor, entre mensagem e transmissão, entre linguagem e expressão. Fala-se em epistemologias da imagem fotográfica, cinematográfica, televisiva, imagens fixas ou em movimento até as dimensões móveis e ubíquas da imagem digital. Tudo passa a ser imagem e não se sabe de que epistemologia da imagem nos ocupamos.

Ao lado dessa tendência descritiva, a epistemologia da comunicação perde a dimensão dos seus limites investigativos e transforma-se em manual que prescreve o objeto e o meio adequados a serem estudados em comunicação e determina constantes metodológicas que se transformam em regularidade sintática que, outra vez à maneira de modelo, determinam o que são e como devem ser estudados os meios comunicativos. Confundem-se meios técnicos e comunicação.

Além de expressão, mas agora na dimensão de espetáculo, o objeto de conhecimento em comunicação é apreendido como apoteose midiática e o que o distingue é a eficiência transmissiva do suporte técnico e das estratégias discursivas, conjugados para estabelecer o efeito comunicativo esperado. Do ponto de vista metodológico, são numerosos os estudos de caso que, através da descrição, fazem-se passar por empíricos e objetivos, mas são na realidade, estrita descrição de casos. O tema descrito gera efeitos catárticos que correspondem à força comunicativa do espetáculo que substitui o objeto científico da comunicação:

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> O acontecimento mediático refere-se ao evento que se destaca entre os fatos do cotidiano e tem repercussão nos *media*. É caracterizado por seu caráter de inusitado, de ruptura com a normalidade e por sua capacidade de despertar a atenção. Trata-se de uma interrupção no rotineiro mediante uma ocorrência extraordinária, seja um acidente, uma tragédia, um grande evento, um espetáculo, um escândalo ou assuntos relacionados a autoridades e/ou celebridades....Este movimento de construção do acontecimento é denominado como processo evenemential.. (Silva, Santos. 2009, p.20-21)

Como a citação deixa claro, enquanto simples efeito mediático, o estudo de caso torna-se estratégia metodológica tradicional para a comunicação. O caso estudado submete o conceito ao seu efeito, confundindo definição e objetivos científicos.

Com características menos utilitárias, mas ainda relacionado ao efeito, Marcondes propõe considerar outra dimensão do acontecimento e, distanciando-o do caráter mediático, aproxima-o do sentido afetivo-subjetivo que decorre da experiência comunicacional patrocinada pelo evento; essa experiência é entendida como um dos conceitos principais do que se denomina Nova Teoria da Comunicação:

> ...o fenômeno comunicacional é analisado pelo aspecto da transformação e mudança. Esse foco dos fenômenos comunicacionais traz importantes consequências metodológicas e ontológicas sobre a própria natureza da comunicação: o encontro entre o plano pessoal e subjetivo com o grande plano da sociedade inteira e a comunicação como um fenômeno que somente pode ser estudado no instante da sua recepção, presença e interação e jamais a posteriori....(Ferreira, 2009:, p.19-20)

Embora procurando salientar a diferença entre as duas modalidades do acontecimento, considerando as bases genealógicas responsáveis pela diferença entre o mediático e a comunicação, observa-se que, na realidade, as duas modalidades circunscrevem a diferença pela natureza dos efeitos: se o primeiro caso estaria mais próximo daquilo que Popper aponta como Mundo 1 como visto no início desse trabalho, o segundo, está mais voltado para aquilo que é apontado como Mundo 2, entretanto e como também é registrado no mesmo item anterior, observa-se que os Mundos 1 e 2 se complementam, porque ambos estão relacionados àquilo que é subjetivo no domínio científico, conforme Popper:

> Confesso que sou realista: sugiro, um pouco como um realista ingênuo, que existem um mundo físico (Mundo 1) e um mundo de estados de consciência (Mundo 2), os quais interagem. E creio que existe um terceiro mundo, em um sentido que explicarei mais plenamente.
> Entre os habitantes do meu Mundo 3 encontram-se, mais especialmente, os *sistemas teóricos*; outros de igual importância são *os problemas e as situações problemáticas*. Afirmo que os habitantes mais importantes desse mundo são os *argumentos críticos* e o que poderíamos chamar *de estudo de discussão ou estado de discussão crítica;* e, é claro, o conteúdo de periódicos, livros e bibliotecas....Uma epistemologia objetivista que estude o Mundo 3 pode ajudar muito a esclarecer o Mundo 2, o mundo da consciência subjetiva, especialmente no que diz respeito aos processos de pensamento subjetivos dos cientistas; mas *o inverso não é verdadeiro.* (Popper, 2010, p. 58-620)

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

Vê-se, portanto, que a epistemologia da comunicação a partir do próprio conceito científico enquanto efeito, afasta-se da dimensão crítica e objetiva da ciência, aproximando-se daquilo que está mais próximo do sentido subjetivo que envolve a fenomenologia, presente tanto nas posições essencialistas de Husserl, como naquelas mais próximas da natureza perceptiva da experiência que assinala a comunicação subjetivo-afetiva, proposta por Merleau Ponty.

8. A ciência e a epistemologia da comunicação

Não é por acaso que o conceito de acontecimento surge como diferença científica para caracterizar a comunicação, ainda que a partir de um ângulo subjetivo. Conforme tem sido estudado no âmbito da ciência, o acontecimento surge como conceito que estabelece as raízes da objetividade crítica. Superando a espetacularidade fenomênica ou mediática, o acontecimento agora considerado, é entendido como um tensionamento do mundo:

> L´événement ne s´identifie pas aux significations que ceux qui le suivront créeront a son propôs, et il ne designe même pas *a priori* ceux pour qui il fera une différence. Il n´a ni représentant privilégiée ni portée legitime. La portée de l´événement fait partie de ses suítes, du problème posé dans le futur qu´íl crée. (Stengers, 1995, p.81)[4]

Como se observa na citação, o acontecimento se refere a questões propostas como hipóteses mais voltadas para uma aventura ou risco da imaginação, questiona-se o mundo de modo heurístico e a própria questão ou pergunta que lhe são feitas se apresentam como ficção e torna o objeto científico mais complexo. Sem explicá-lo, a pergunta feita ao mundo procura criar hipóteses para a realidade fenomênica e para a experiência que nele vivemos e, enquanto hipótese apenas possível, ela se aproxima da ficção.

Como produtos da imaginação, essas ficções têm como objetivo poder ver o mundo de modo crítico e poder objetivar as raízes que, frequentemente pouco explícitas enquanto fenômeno, não se prestam a serem descritas, mas a serem traduzidas inventivamente. A epistemologia crítica surge, portanto, como questão abstrata que surpreende o fato científico naquilo que, nele, parece invisível, mas que pode ser construído pela investigação que o inventa, para compreendê-lo. Dessa forma, entende-se o Mundo 3 de Popper como modo peculiar de

[4] O acontecimento não identifica suas significações com aquilo que é criado por aqueles que o seguem e ele não diz respeito ao *a priori* nem mesmo para aqueles para os quais fará uma diferença.. Ele não tem nem representante privilegiado, nem transmissão legitima. A transmissão *(definição)* do acontecimento faz parte das suas consequências, do problema colocado para o futuro que ele cria. (Stengers, 1995, p. 81)

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

definição de ciência objetiva que só se concretiza, quando submetida ao crivo do questionamento crítico próximo do senso comum tal como o entende Braga " senso comum é o ambiente em que a sociedade inventa – interacionalmente- seus processos e sua cultura, no enfrentamento direto dos seus problemas concretos" (Braga,2019, p.38)

Como vimos, Isabelle Stengers estuda essa questão de modo radical quando, considerando a ciência sob o signo do acontecimento, transforma a experiência científica em exercício da imaginação que propõe questões imprevistas:

> On peut voir dans les sciences modernes l´invention d´une pratique originale d´attribution de la qualité d´auteur, jouant sur deux sens qu´elle oppose: l´auteur, en tant qu´individu animé d´intentions, de projets, d´ambitions, et l´auteur faisant autorité...Chaque scientifique se sait, et sait ses collègues, "auteur" au premier sens du terme. Cela importe peu. Ce qu´importe, c´est que ses collègues soient contraints à reconnaître qu´ils ne peuvent faire de cette qualité d´auteur um argument contre lui, qu´íls ne peuvent localiser la faille qui leur permettrait d´affirmer que celui qui prétend "avoir fait parler la nature" a de fait parlé à sa place. C´est le sens même de l´événement qui constitue l´invention expérimentale: invention du pouvoir de conférer aux choses, le pouvoir de conférer à l´expérimentateur le pouvoir de parler en leur nom. (Stengers, 1995, p. 102)[5]

A tensão a que o conhecimento expõe o mundo vivido é tão imprevista como o próprio acontecimento. Nesse sentido, é imediato considerar que ele é indeterminado e irregular como observa Peirce em relação à categoria da experiência relativa à primeiridade, considerada a única possibilidade de gerar novos conhecimentos, ou seja, de produzir ideias novas que, críticas e objetivas, nos ensinam a ver o mundo sem aproximações descritivas e, sobretudo, sem reduções diretivas daquilo que lhe deve ser próprio. Não apenas "ir às coisas mesmas" , mas ver como as coisas são, para conferir-lhes o sentido que podem ter. Evidentemente, para essa fenomenologia, o ver é descobrir sem modelos. Esse ver é imprevisível e, apenas possível, é transformado em hipóteses abdutivas, ou seja, hipóteses que nos ensinam a ver uma face possível do mundo, para que possamos entendê-lo. (Peirce.CP.V:71;V:169/170/171). Temos um acontecimento não midiático, mas ao contrário, cognitivo e sem modelos. Distante do explicativo totalizante, esse acontecimento cognitivo ensina a pensar através de um diagrama interativo de ideias:

[5]Pode-se ver nas ciências modernas a invenção de uma prática original de atribuição da qualidade de autor em dois sentidos que se opõem: o autor enquanto indivíduo animado por intenções, projetos, ambições e o autor atribuindo-se autoridade. Cada cientista se sabe e o sabem seus colegas, "autor" no primeiro sentido do termo. Isto importa pouco. O que importa, é que seus colegas sejam constrangidos a reconhecer que eles não podem fazer dessa qualidade de autor um argumento contra ele, que eles não podem, ao localizar a falha, permitir-se afirmar que aquele que pretendia "haver feito falar a natureza" fez, com efeito, que ela falasse no seu lugar. È o próprio sentido de acontecimento que constitui a invenção experimental: *invenção do poder de reconhecer, nas coisas, o poder de conferir ao investigador o poder de falar em nome delas* (Stengers, 1995, p.102

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> A filosofia é um construtivismo, e o construtivismo tem dois aspectos complementares, que diferem em natureza: criar conceitos e traçar um plano. Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos.....Os movimentos ou elementos do plano não parecerão pois, senão definições nominais, com relação aos conceitos.... os elementos do plano são *traços diagramáticos*, enquanto os conceitos são *traços intensivos*...(Deleuze, Guattari, 1992, p.56)

Portanto, o acontecimento enquanto conceito fenomenológico sugere, para sua compreensão, a necessidade da sua imanência que constitui um diagrama ou uma partilha de ideias entre imaginações dialogantes desenhadas através de percepções irregulares. No desenho dessa partilha, interagem a comunicação, a informação, o ambiente, o meio e a alteridade; a fenomenologia e a epistemologia, o monólogo e o diálogo.

9. A comunicação como valor

As tecnologias digitais criam um ambiente e desenham o mundo como aldeia não enquanto território físico, mas como extensão que se relativiza, porque tudo está disponível em um aqui e agora sempre presentes. Enquanto desenho que, imanente, se redesenha de modo constante, a comunicação se operacionaliza como informação que difere de simples dado a ser transmitido, pois é, sobretudo, consequência das relações possíveis entre todos os homens. Ou seja, desenvolve-se a capacidade de ação oferecida ao homem pelo próprio ambiente que é consequência das tecnologias digitais pois, agora, o planeta está conectado através da rede e de dispositivos moveis e ubíquos. Esse ambiente não tem limites geo-territoriais, mas sua extensão é constituída e transformada pela capacidade que a relação comunicativa pode sugerir, tendo em vista uma disponibilidade para agir ou como potência de ação a ser desenvolvida ou aprendida. A "informação dá forma à mente" (Logan, 2012, p. 11) e evidencia a irrecusável tendência política da comunicação que a caracteriza entre os seres humanos.

Nesse ambiente, a fenomenologia da comunicação, entendida como uma face da sua epistemologia, relativiza sua matriz filosófica porque, do ponto de vista cognitivo, vai desenvolver relações entre o parecer ou o modo como o fenômeno comunicativo é percebido ou é visto e o modo como seu conhecimento se produz. Distinguem-se as diferenças entre fenomenologia e fenômeno comunicativos.

Se o parecer constitui um modo de apreender o objeto científico da comunicação, a fenomenologia transforma-se em epistemologia e, ambas, são atingidas pelas transformações

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

econômicas, técnicas e tecnológicas que atingem a comunicação nas dimensões culturais e sociais do contemporâneo. Ou seja, não é possível perceber as dimensões fenomenológicas dessas transformações, sem perceber que, agora, tudo se transforma: comunicação, meios técnicos, conhecimento, relações sociais e culturais.

Tudo é afetado pelo novo ambiente e tudo passa a circular, de sorte que não há mais possibilidade de adoção de um único ponto de vista analítico: não é mais possível adotar um paradigma teórico ou metodológico, pois é imprescindível perceber que vários pontos de vista interferem uns sobre os outros, sem competirem por espaços, ao contrário, tudo é convocado para a produção de um novo conhecimento. Exige-se a capacidade de dar conta da complexidade do novo ambiente, onde informação e comunicação se transformam em valor econômico pelo qual circulam conhecimento, espaços e mentes, culturas e corpos, territórios, nações e aldeias. A comunicação se torna moeda global da relação entre povos e culturas, entre corpos e mentes. A comunicação é acontecimento e cabe à sua epistemologia colocar essa circulação em evidência, ou seja, fazê-la acontecer.

Para tanto, já não é possível procurar regularidades ou adequações entre fenômenos apreendidos e modelos explicativos que, como vimos, são sempre arbitrários, porque, atuando como metáforas da organicidade do mundo, são iluminados, apenas, pela regularidade entre o que se vê ou se apreende e se torna adequado às variáveis contempladas pelo modelo. Nessa adequação não há espaço para diferenças, pois o modelo será tanto amis competente, quanto mais corresponder à desejada regularidade do mundo. Na epistemologia da comunicação como valor, o modelo é substituído pela dinamicidade do diagrama que ensina a aprender através de um contínuo indeterminado de ideias, que constitui alicerce epistemológico básico para a produção do conhecimento, sempre falível:

> O exercício do pensamento requer, assim, o *noêtón* o inteligível, um objeto que, experienciado, se põe como sujeito do pensamento na construção do seu próprio conceito. Ora, ao se admitir um objeto geral, arquiteto de sua própria representação, parece ser difícil negar sua natureza eidética (Ibri,2015, p. 88)

Na dinâmica do conhecimento que se pensa pelo modo como a si próprio se enuncia, não há similaridades metafóricas a considerar como ocorre com o modelo fenomenológico tradicional, ao contrário, tudo está em circulações analógicas. Dessa maneira, aponta-se para a epistemologia da comunicação uma arqueologia da própria gênese do conhecimento: seu eidos é análogo ao modo como se constrói e nada o divide ou substitui, porque nada lhe é similar:

> Tentativi di superare la logica binaria sono stati fatti in ogni época....Ma forse il vizio di questi tentativi era di voler pensare una nuova logica, che doveva sostituire punto per punto le vecchia logica binria nella sua funzione di governo della conoscenza. La

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

> strategia dell´ analogia è affatto diversa. Essa interviene nelle dicotomie logiche nel punto dela loro piú estrema e paralizzante divaricazione, non per comporle in una sintesi superiore, ma per trasformarle in un campo di forza percorso da tensioni polari, in cui loro perdono la loro identità sostanziale. (Agamben, 2017, p. XVII)[6]

Se enquanto acontecimento, a comunicação coloca em conjugação mentes e corpos que circulam e propõem, ao mesmo tempo, a interrupção definitiva de toda polaridade criada para poder identificar-se; propõe-se, como consequência, a superação dos tradicionais paradigmas que já não podem atuar como estratégia epistemológica e parecem superados alguns conceitos que, entendidos como verdades científicas são, agora, geradores de estranha confusão de sentidos. Estão em revisão e, ao mesmo tempo em substituição, algumas crenças tradicionais: a epistemologia entendida como metodologia prescritiva, o modelo entendido como paradigma científico, a metáfora como figura hegemônica do discurso retórico, a descrição do mundo proposta como realismo científico. Deslocando as certezas, o acontecimento confere atenção às subjetividades que circulam, às mentes e aos corpos, ao visível e ao invisível, àquilo que aparece e àquilo que se esconde.

Superando os paradigmas que mais classificam do que produzem conhecimento, o acontecimento comunicacional tudo desloca, a fim de liberar a imaginação para surpreender a ciência como vida errante, mas atenta a um frequentativo de errância feito de acertos que erram ou a possíveis epistemologias-metodológicas que podem ser superadas por uma fenomenologia que se permite duvidar.

10. Referências

AGAMBEN, Giorgio. Archeologia di un´Arqueologia . Apressentação a Melandri, Enzo. **La Linea e il Circolo. Studio logico-filosofico sull´analogi**a.Macerata: Quodlibet,2017

BARTHES, Roland . 2001 . **A Aventura Semiológica**. São Paulo: Martins Fontes

BRAGA, José Luiz. “A Comunicação e o senso comum” em **Teorias da Comunicação: o status da questão.** São Paulo: Paulus, 2019

[6] Tentativas de superar a lógica binária têm sido feitas em todas as épocas... Mas talvez o vício destas tnteativas era querer pensar uma nova lógica, que deveria substituir ponto por ponto a velha lógica binária na sua função de governo do conhecimento. A estratégia da analogia é com efeito diferente. Ela interfere nas dicotomias lógicas no ponto mais extremo e paralisante dos seus desvios, não para compô-las em uma síntese superior, mas para transformá-las em um campo de forças percorrido por tensões polares, nas quais elas perdem as respectivas identidades substanciais. (Agamben, 2017,p . XVII)

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o Galoá proceedings

CÁCERES, Jesús Galindo (coord). 2008. **Comunicación, Ciencia e Historia. Fuentes cietíficas hsitóricas hacia uma Comunicación Possible.** Madri: McGraw-Hill/ Interamericana de España, 2008

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2004

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix**. O que é a Filosofia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

FERREIRA, Wilson Roberto Vieira. "Acontecimento comunicacional" em **Dicionário da Comunicação**. Ciro Marcondes Filho (org), São Paulo: Paulus, 2009

GREIMAS E COURTÉS. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto , 2008

IBRI, Ivo Assad. **Kosmos Noêtós: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Paulus, 2015

LOGAN, Robert. **QUE É INFORMAÇÃO**. Rio de Janeiro: Contraponto/Puc-Rio, 2012

MATTELART**,** Armand e Michèlle**. História das teorias da comunicação.** São Paulo: Loyola, 1999

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. Charles Hartshorne, Paul Weiss Arthur Burks.(ogs) Cambridge Massachusetts: Harvard University Press 1931-1935 -1958 , 8 vols

POPPER, Karl. " Conhecimento Subjetivo Versus Conhecimento Objetivo" em **Textos Escolhidos**. Organização David Miller. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed.Puc-Rio , 2010

SILVA, Maria Cristina Carlos e SANTOS, Tarcyane Cajueiro "Acontecimento mediático" em **Dicionário da Comunicação,** Ciro Marcondes Filho 0rg. São Paulo: Paulus, 2009

STENGERS**,** Isabelle**. L´invention des sciences modernes.** Paris: Flammarion, 1995

Galoá { Este trabalho foi publicado utilizando o **Galoá** proceedings